

Conversando com a escritora Carlota de Barros

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-5694-5781>

RESUMO

A presente entrevista foi realizada no âmbito do projeto “Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro, financiado pela FCT, *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*, de Portugal. Nela, Carlota de Barros, uma escritora cabo-verdiana, natural da ilha do Fogo fala de vários assuntos, tais como: a sua produção literária; viagens; mudanças; escritores que influenciaram a sua escrita; e temáticas abordadas na sua escrita.

PALAVRAS-CHAVE

Carlota de Barros; Produção Literária; Turismo literário; Memória; e Resistência.

ABSTRACT:

This interview was carried out within the scope of the project “Women's Literature: Memories, Peripheries and Resistances in the Luso-Afro-Brazilian Atlantic, funded by FCT, Foundation for Science and Technology, Portugal. In it, Carlota de Barros, a Cape Verdean writer, born on the island of Fogo, discusses various topics, such as: her literary production; trips; changes; writers who influenced his writing; and themes addressed in his writing.

KEYWORDS

Carlota de Barros; Literary Production; Literary tourism; Memory; and Resistance.

RESUMU

Ese entrevista realizode ne âmbito du projetu “Literatura de Melher: Memórias, Periferías e Resistências ne Atlênticu Luso-Afro-Brasileiru, financiode pe FCT, Fundasão pe Siênsia e Teknologia, de Purtugal. Nela, Karlota de Barus, un xkritora kabo-verdiana, natural de ilha de Fogo te falá de diferente asuntu, komu: sê produção literária; viajenj, mudansas; xkriores ke influensia sê xkrita; e temátikas ke el te abordá.

PALAVRAS XAVE

Karlota de Barus; Produção Literária; Turismu literáriu; Memória e Resistência.

* Hilarino da Luz, Doutorado Contratado da NOVA FCSH e Investigador Doutorado Integrado do CHAM, Centro de Humanidades, da NOVA FCSH, onde foi Bolseiro de Pós-Doutoramento, é Doutor em Estudos Portugueses, especialização em Literaturas e Culturas em Língua Portuguesa (2013), pela NOVA FCSH. Possui uma vasta experiência profissional, sobretudo na docência em Portugal e em Cabo Verde, no setor editorial e na bibliotecnia. É Presidente do Júri do Prémio Literário Januário Leite. Participa no “Programa Cientificamente Provável” através do CHAM. Em 2021, com a “Cartas com Ciência”, ganhou o segundo lugar do Prémio *Go Green GO Social NOVA FCSH / Santander Universidades*. É Vogal da Mesa da Assembleia Geral da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL). É, ainda, membro do projeto CONCHA, financiado pela EU e do projeto WomenLit, financiado pela FCT.



(Fotografia cedida pela autora, Carlota de Barros).

Prezada escritora Carlota de Barros, seja bem vinda ao projeto “Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro”, com o acrónimo WomenLit. Ele é financiado pela FCT, *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*, de Portugal. Conta como investigadora principal a minha colega Professora Doutora Margarida Rendeiro e tem como principal propósito, segundo a sua descrição, “analisar as configurações poético-literárias da resistência na produção literária e artística de autoria de mulheres publicada no espaço luso-afrobrasileiro no século XXI”. (WomenLit, 2021).

Carlota de Barros, de nome completo Carlota de Barros Firmino Areal Alves, nasceu na ilha do Fogo, Cabo Verde. Viveu no arquipélago até aos sete anos, idade com que partiu para Moçambique, com a família, onde fez os estudos primários e iniciou os estudos secundários, sendo que também viveu em Angola. Escritora de múltiplas vivências, nomeadamente Reino Unido, Itália, de regresso, passou a viver em Portugal onde completou o ensino secundário e fez a licenciatura em Filologia Germânica, na Fac-L/ UL. Foi professora em Cabo Verde e em Portugal e trabalhou como técnica superior no

Ministério da Educação em Portugal, no Gabinete de Estudos e Métodos, país onde ainda vive.

Tem colaboração dispersa em jornais e revistas literárias, como no *jornal Artiletra* e na *revista Pré-Texto*, e participação em diversas atividades culturais e literárias em prol do arquipélago de Cabo Verde. Em Portugal, posso, por exemplo, destacar alguns encontros científicos organizados por mim na NOVA FCSH, nomeadamente o *CHAM CONFERENCE* 2019, onde participei como membro da Comissão Organizadora; o “Colóquio de Homenagem a Mulher Cabo-Verdiana” (2019); o “Colóquio de Homenagem a Jorge Barbosa”; e o Curso de Verão “Introdução ao Estudo da Obra da Carlota de Barros” (2019), que lecionei na NOVA FCSH.

Em poesia publicou obras como: *Na Pedra do Tempo*, editado pela Artiletra Edições, em 2018. *Sonhu Sonhadu*, versão trilingue em língua portuguesa, língua cabo-verdiana e língua inglesa, pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Praia, Cabo Verde, em 2010; *Sonho Sonhado*, primeira edição, em língua portuguesa, em 2007; *A Minha Alma Corre em Silêncio*, em 2003; *A Ternura da Água*, em 2000. Em prosa, a Rosa de Porcelana publicou *Sol de Infância: memórias das macias manhãs solares*, em 2020; a Fénix Editora publicou em 2016 o livro de contos *Os Lírios da Memória* e em 2014 o seu primeiro romance *Luna: a noite de todos os dias*.

Entre outras participações e cargos de relevância, foi Presidente da Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário onde também exerceu outros cargos.

Bom, após esta breve apresentação, pergunto-lhe:

HL: - Além de Moçambique também viveu em Angola. Embora com idades diferentes, como é que foi a adaptação? Encontrou diferenças?

CB: - *Sim encontrei muitas diferenças. Vivi em Moçambique, em Namaacha, Vila situada a 80 Km de Lourenço Marques, hoje Maputo, vila paradisíaca, comparada a Sintra, pelo seu clima, beleza paisagística, que convidava a uma vida ao ar livre, bem simples, na idade em que estava. Brincávamos na rua ao lado da casa, quase sem movimento de carros, como em Cabo Verde. Jogava-se futebol e outros jogos próprios da nossa idade que rondava entre os 10 e os 14. Fazíamos belos passeios às cascatas que convidavam a banhos na estação menos fria, à montanha, às casas de uns e dos outros onde brincávamos e nos serviam belos lanches, e aos Colégios internos dirigidos por Padres Salesianos, onde assistíamos a peças de teatro, a filmes, bem como ao futebol e hóquei*

em patins, modalidade muito apreciada em Moçambique. Era uma vida simples e ao ar livre.

Em Angola foi diferente. Interrompi os meus estudos na Faculdade de Letras de Lisboa, no 2.º ano da Licenciatura em Filologia Germânica. Tinha-me casado e fui ao encontro do meu marido que me aguardava, em Luanda, numa casa bem agradável e bem situada. Estranhei o clima, o paludismo que me atacou pouco depois da minha chegada, tinha poucos amigos, achei o povo menos aberto que o moçambicano e tinha mais saudades da família. Os dois meses que vivi em Luanda não chegaram para me adaptar.

O resto dos seis meses que vivemos em Angola foi gratificante. Acompanhei o meu marido para o Sul onde nos instalámos em Sá da Bandeira, num hotel bem familiar. Posso dizer que me agradaram bastante os seis meses em que percorremos algumas localidades do Sul de Angola. Sá da Bandeira tem um clima ótimo e localidades que, pelo clima e até pelos nomes, fazem lembrar a Ilha Brava: os de Nª Senhora do Monte e Nova Sintra. A travessia do deserto de Namibe, até Moçâmedes, de comboio, foi fantástica.

HL: - O cabo-verdiano, que vive fora, alimenta sempre a ideia de que um dia vai regressar para a sua terra. No seu caso, voltou para Cabo Verde e lá viveu durante cerca de 8 anos. Como é que foi esse regresso? Porquê é que resolveu vir, de novo, para Portugal?

CB: - *Regressei sim a Cabo Verde, com meu marido, a S. Nicolau, ilha que levava na memória para Moçambique, pois, apesar de ter nascido na ilha do Fogo, fui logo com a família para a Ilha Brava e da Brava para S. Nicolau, onde afinal aprendi a andar, a falar, a nadar e a escrever. A nossa grande família, pais, oito irmãos, velhas amas e primos, instalou-se na secular casa a que chamávamos Tantchon por causa dos grandes tanques onde, não só nós, aprendemos a nadar, como quase toda a criançada da Vila da Ribeira Brava. Era uma vida alegre, sã, com muitos amigos e o amor de uma família, sempre unida.*

Bem, resolvi, de acordo com o meu marido, que tínhamos de regressar para Portugal, Lisboa, para terminarmos as nossas licenciaturas, ele Medicina e eu Filologia Germânica. Vivemos, pois, três anos em S. Nicolau, onde iniciamos a carreira docente, com explicações a grupos, ajudando jovens que desejavam fazer exame de 2º ano do Ciclo Preparatório ou do 5º Ano liceal, em S. Vicente.

A saber, oficialmente só havia Ensino Primário, desde que encerraram o Seminário-Liceu e posteriormente o Instituto que existiu depois de fechado o dito Seminário-Liceu.

Pensando nessa lacuna, o meu marido, Abílio José Areal Alves, neto do médico e professor do Seminário-Liceu, Dr. Abílio Augusto de Carvalho Areal, teve a ideia de abrir um Externato, apoiado pela população, nomeadamente, o senhor Francisco Filipe Gonçalves (Pá Chico), o médico Dr. Luís Camões e o professor primário Luís de Almeida Gominho, o Externato de S. Nicolau, onde os professores trabalhariam sem fins lucrativos, Externato esse que deu também belos frutos, como o Seminário-Liceu.

Em S. Nicolau permanecemos 3 anos. Pensando no nosso regresso a Lisboa, resolvemos aceder ao concurso de professores do Liceu Gil Eanes, a fim de mealharmos algo que nos ajudasse a recomeçar a vida em Lisboa. Em S. Vicente trabalhámos 5 anos, até 1974, como tínhamos planeado, o que veio a coincidir com a Revolta dos Cravos, a 25 de Abril. E assim retomámos as nossas Licenciaturas. Continuei a dar aulas nos Liceus e Escolas Preparatórias de Portugal, fiz o Estágio Pedagógico, efetivei-me rapidamente e continuei a estudar até terminar a Licenciatura, bem como o meu marido.

HL: - Quais são os clássicos da literatura cabo-verdiana que chegou a conhecer? Foi influenciada por alguns?

CB: - *Clássicos da literatura cabo-verdiana que conheci: Baltasar Lopes da Silva, dava aulas no Liceu quando entrei como professora, Jorge Barbosa, que fora amigo de meu pai, Manuel Lopes, Manuel Ferreira, Luís Romano, meu grande amigo e conselheiro bem como o irmão Teobaldo Virgínio, Ovídio Martins, (ainda era eu muito jovem e ele frequentava a casa de meus pais onde se encontrava com meus irmãos,) o mesmo aconteceu com Gabriel Mariano; António Aurélio Gonçalves, Orlanda Amarílis, Yolanda Morazzo, Henrique Teixeira de Sousa. Tive imenso gosto em conhecer pessoalmente estes escritores e de ser amiga de alguns deles, na idade que tinha.*

- Fui Influenciada por Jorge Barbosa, Ovídio Martins, Gabriel Mariano, Yolanda Morazzo, Teobaldo Virgínio.

HL: - O Eugénio Tavares era muito amigo do seu pai e da sua mãe, amizade que está eternizada na morna *Força de Cretcheu*. Quer falar dessa amizade e dos seus pais?

CB: - *Seria uma longa conversa a ter sobre as Memórias de meu pai que eu e o meu irmão Arsénio fomos escrevendo. Infelizmente ele morreu, inesperadamente, sem poder participar na festa da publicação do nosso livro. Mas posso simplesmente dizer que sempre ouvi falar de Eugénio Tavares, na nossa casa, da amizade entre ele e meu pai, da cumplicidade entre os dois em relação ao amor proibido de meus pais, por minha mãe ser já prometida a outro que embarcara, como a maior parte dos rapazes novos da Ilha Brava. Eugénio Tavares escreveu a morna Força de Cretcheu para oferecer a meu pai com a ideia de o ajudar a conquistar a minha mãe. Também ouvia o meu pai contar o tanto que fizeram pela cultura da ilha Brava, criando cursos de explicações, aulas de ginástica para senhoras, das tertúlias literárias que organizavam, tudo em prol da cultura da Ilha que tanto amavam.*

HL: - **Sei que gosta da escrita da Sophia de Mello Breyner Andresen, uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Quer falar sobre isso? Teve a oportunidade de a conhecer pessoalmente?**

CB: - *Não conheci pessoalmente Sophia de Mello Breyner, mas passei a conhecê-la através da sua bela poesia que me influenciou bastante. Fui à Grécia sentir na pele o que sentia quando lia os poemas de Sophia escritos nesse belo país, e ver as águas de Creta.*

HL: - **Quer falar de outros autores que lhe marcaram?**

CB: - *Sem dúvida, a minha maior dívida, devo-a ao grande poeta Eugénio de Andrade. Eugénio fez-me escrever, sem o conhecer pessoalmente, apenas através da sua obra. Para mim o meu poeta mais amado, mais seguido, mais lido. Não me canso de o ler e reler. Pablo Neruda outro poeta que me encanta, os seus poemas de amor, os pormenores das imagens poéticas na poesia de Pablo Neruda. Ambos musicais: Eugénio e Pablo.*

HL: - **Quer falar da sua produção literária?**

CB: - *Sobre a minha produção literária o que tenho a dizer é muito simples: escrevo por amor à poesia, por respeito aos grandes poetas do mundo. Sempre gostei de ler e, sem presunção, escrevia pequenos textos que ia guardando sem mostrar a ninguém. Com as várias mudanças e viagens, acabei por perdê-los. Aconteceu o mesmo com uma pequena novela que escrevi e que o nosso amigo, Rafael Melo, pai do Teobaldo e do Luís*

Romano, dactilografou e fez um bonito caderno. Não pensava vir a ser escritora, embora gostasse de escrever, mas admirava demais os escritores, punha-os num pedestal e, resolver escrever como eles, era impensável. Tinha timidez de mostrar o que escrevia. Os estudos tiravam-me bastante tempo e as brincadeiras com as amiguinhas também. Os passeios de bicicleta e mais tarde as viagens, os trabalhos de casa... Não, não pensava em vir a ser uma escritora. Adorava imaginar-me uma delas, mas apenas isso.

- Numas férias na Itália, país da minha paixão, depois de um dia de praia e várias distrações, sentada no apartamento que nos coube, ouvia uma canção lindíssima dedicada a uma mãe que me caiu fundo no coração. Nessa noite, peguei na caneta e num bloquinho que andava sempre comigo para escrever o que via e me agradava, escrevi um longo poema dedicado à minha mãe. E assim comecei a escrever outros poemas dedicados ao meu pai, ao meu marido, irmãos e sobrinhos. Foi o início do meu primeiro livro “A Ternura da Água”. Sensações, tudo em que tocava e gostava, todas as belas lembranças, que tinha em mim guardadas, davam um poema, lirismo puro. A seguir escrevi “A Minha Alma Corre em Silêncio”, com muito sentimento pela ilha de S. Nicolau. Certa noite sonhei um sonho e foi o “Sonho Sonhado”. “Sonho Sonhado” que foi traduzido para Inglês e Língua Cabo-verdiana, o primeiro livro trilingue a ser publicado em Cabo Verde. Devo esta edição ao Dr. Joaquim Morais que nessa altura dirigia o Instituto da Biblioteca e do Livro. Perguntei-lhe se me publicava o “Sonho Sonhado” em Inglês e Português. Olhou para mim. Muito sério e perguntou-me: — “porque não também em Língua Cabo-verdiana”? Aceitei satisfeita, pois meu irmão Viriato de Barros que dominava bem a escrita e o novo alfabeto Cabo-verdiano, aceitou satisfeito fazer-me essa vontade.

- A seguir resolvi escrever contos. A Editora Fénix deu à estampa “Lírios da Memória”. O interessante é que um dos contos, “Luna” agradava-me muito e enviei-o a um amigo escritor, meu ex-aluno do Liceu Gil Eanes, Jorge Araújo, para que me desse a sua opinião sobre o conto. Disse-me de imediato que era uma história muito forte e que eu devia transformá-lo em romance. “Escrever um romance”? — foi a minha resposta. Mas lá me entusiasmou e saiu o meu primeiro romance, editado pela mesma Editora Fénix, “Luna – a noite de todos os dias”.

- Voltei à poesia que está sempre presente na minha escrita, com “Na Pedra do Tempo”, dada à estampa pela Artiletra e a seguir, recordando a minha infância feliz, a minha família, a minha casa, escrevi “Sol de Infância – memórias das macias manhãs solares”, editado pela Rosa de Porcelana Editora. E por amor ao meu pai, eu e o meu

irmão Arsénio de Pina, abraçámos com entusiasmo as memórias do nosso pai, para que não fosse esquecido no tempo, o que esse grande Homem, Pai, Marido e Médico fez por todos nós e por Cabo Verde. Rosa de Porcelana Editora aceitou o nosso projeto e aguardamos, com ansiedade, que o livro saia.

Entretanto vou trabalhando o novo livro de poesia “Mulheres da Março”. Dedicado às Mulheres Cabo-verdianas que tiveram a ousadia de sair da margem, escrever e publicar, lado a lado com o Homem que durante muito tempo foi a Voz da Literatura Cabo-verdiana.

HL: - Quais são os temas, que na sua opinião, são uma constante na sua obra?

CB: - *Uma constante na minha obra – o amor, a família, as crianças, Cabo Verde e África.*

HL: - Como é que vê a participação da mulher na literatura cabo-verdiana?

CB: - *A mulher cabo-verdiana vem tendo uma participação brilhante na literatura cabo-verdiana.*

HL: - A memória e o turismo literário são, ao meu ver, uma constante na sua produção literária. Quer falar da importância de ambos no seu processo de escrita?

CB: - *Fui falando, ao longo desta conversa sobre o turismo literário. Na minha memória flutuam as imagens e retratos dos sítios por onde tenho viajado com o meu marido. Se falo de Roma, minha paixão, apetece-me voltar todos os anos, mesmo aos mesmos sítios já conhecidos, salto para longe, para o Norte da Itália, Castelo Franco, por onde andámos a pé felizes e descontraídos, Veneza, a joia da Itália, Strasbourg, Le Petit Venice, da beleza dos campos britânicos, das águas de Creta, das cúpulas azuis de Santorino, de Roma Imperial, do Coliseu, das praias de Malta, onde se flutua horas nas águas mornas da Lagoa Azul... que mais? Teria muito mais a recordar.*

HL: - Na revista *Fragata* referiu que “falar da ilha significa fazer um exercício que faz com serenidade e satisfação, porque há uma ligação especial entre ambas”. Considere S. Nicolau o berço da cultura cabo-verdiana? Porquê?

CB: - *Sim, considero S. Nicolau o berço da cultura cabo-verdiana, devido à existência do Seminário -Liceu de onde saíram os nossos grandes intelectuais, como todos sabemos.*

HL: - Do ponto de vista histórico, qual é a grande diferença entre S. Nicolau e a cidade da Ribeira Grande, da ilha de Santiago, atualmente Cidade Velha?

CB: - *A grande diferença entre S. Nicolau e Ribeira Grande de Santiago, atualmente, Cidade Velha, é enorme. Em S. Nicolau formaram-se grandes intelectuais cabo-verdianos, a Cidade Velha será o berço da nossa Civilização.*

HL: - Porquê é que a ilha de S. Nicolau e a Cidade Velha devem ser visitadas por turistas?

CB: - *A ilha de S. Nicolau e a Cidade Velha devem ser visitadas por turistas porque aí poderão colher informações importantes da nossa cultura, da nossa história escravocrata, da mestiçagem do nosso povo cabo-verdiano.*

HL: - Quer falar da Ribeira da Prata e do Caleijão, terra do “Chiquinho” do Baltasar Lopes da Silva?

CB: - *Ribeira Prata é a joia de S. Nicolau. um Paraíso Perdido nos confins da ilha, e tem a Rotcha Scribida, perpetuada na bela morna Rotcha Scribida de autor desconhecido, escrita durante o período da fome em Cabo Verde. É um lamento de um filho que regressa a casa e não encontra a mãe viva.*

- *Caleijão terra de Chiquinho e de Baltasar Lopes, autor do livro “Chiquinho”, Baltasar Lopes da Silva. É uma bela localidade, de clima ameno e campos verdes, onde também se situava a sede do Bispado de Cabo Verde. Mais tarde quando o Bispado passou para a cidade da Praia, as instalações passaram a ser um Orfanato onde as freiras educavam raparigas jovens, dando-lhes escola, educação e ensinando-lhes a bordar ponto de cruz e outros bordados com perfeição que vendiam aos visitantes.*

HL: - Já então, quer partilhar comigo algumas memórias das outras ilhas cabo-verdianas onde viveu (Fogo, Brava e S. Vicente)?

CB: - *Quando fui conhecer a ilha do Fogo, onde nasci, foi uma bela revelação, a ilha e o vulcão. A Brava para mim é a saudade de meus pais. Fui à Brava, em 1967, com meu marido, meu irmão Viriato, a mulher e uma filha ainda bebé, numa altura em que meus pais lá estavam, por uns tempos, e com eles percorremos toda a ilha montanhosa, de clima ameno, frio por vezes, e belas paisagens, com gente amorável.*

HL: - Conhece a ilha mais bonita de Cabo Verde, ou seja, Santo Antão? KKKKK.

CB: - *Conheci também Santo Antão e, se antes achava exagerado o que os santantonenses diziam da sua bela ilha ser a mais bela de Cabo Verde, quando a percorri, acabei por lhes dar razão.*

HL: - Voltando a sua produção literária, escreve pensando nas mulheres que a precederam na literatura cabo-verdiana? E que mulheres?

CB: - *Penso em todas as escritoras, grata pela coragem que tiveram em se impor, contrariando a ideia de que a Voz da nossa Literatura era a do Homem. Mas as vozes de Maria Helena Spencer, Maria Margarida Mascarenhas (MMM), Orlanda Amarílis, Yolanda Morazzo, a primeira poetisa da era moderna, Dina Salústio, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Leopoldina Barreto, sem me referir às primórdias, Antónia Pusich e à Humilde Camponesa, - Gertrudes Ferreira Lima, poeta de Santo Antão (1854-1915) quem primeiro ensinou pelo método de João de Deus, o grande pedagogo português, tendo colaborado no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (presença cabo-verdiana 1901-1932). Também assinava como Obscura Paulense (segundo Brito Semedo).*

HL: - Quer falar de autoras como a Maria Helena Spencer e a Leopoldina Barreto? Sei que eram amigas.

CB: - *Era sim, grande amiga de Leopoldina Barreto, mulher corajosa que soube impor-se de imediato com a saga da família Barreto, família de seu marido, no valioso romance “Monte Gordo” e me encantou com “A ilha do Rei Titão” e teve a fibra de escrever um*

romance bastante violento “As Vítimas do Amor Impossível”. Leopoldina Barreto também brilhou nas Artes Plásticas com belas e valiosas pinturas.

- Não cheguei a conhecer pessoalmente a Maria Helena Spencer. Falei com quem a conheceu muito bem, de perto. Mereceu muito respeito e admiração da minha parte, como mulher e como primeira jornalista cabo-verdiana, sem filtros, sem medo de escrever o que via e ouvia.

HL: - Quanto à circulação de obras, como é que vê a circulação de obras de autores cabo-verdianos?

CB: - Gostaria que as obras circulassem mesmo. Sempre achei que o que se escreve em Cabo Verde, e na realidade muito se produz, não chega a Portugal, a não ser que os autores venham apresentar os seus livros cá, e o mesmo acontece com o que se escreve em Portugal ou na Itália ou noutra País onde existam cabo-verdianos. As Associações e Centros Culturais deviam ter essa vocação. Fazer circular os livros de autores cabo-verdianos entre os países onde existam mais cabo-verdianos.

HL: - Até que ponto os conceitos identidade e periferia são relevantes na sua produção literária?

CB: - Procuo que esses conceitos de identidade e periferia sejam relevantes, não sei se consigo.

HL: - É sabido que a escrita das mulheres se construiu como uma escrita de resistência. Qual é a sua opinião?

CB: - Sim, a escrita das mulheres construiu-se como uma escrita de resistência e conseguiu vencer.

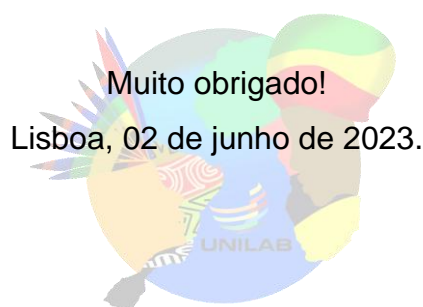
HL: - De que forma é que a literatura e outras formas de expressões culturais e artísticas podem ser uma maneira de lutar contra desigualdades sociais?

CB: - Escrevendo abertamente das desigualdades sociais que sempre existiram e continuam a existir.

HL: - Tem uma obra sobre o seu pai no prelo. Quer falar sobre ela?

CB: - “*Nos Meandros da Memória*” é uma prova de amor ao nosso pai que fez maravilhas em Cabo Verde quando havia tão poucos meios ao alcance dos médicos, bem como em Moçambique. Realizou milagres no campo na medicina, foi injustiçado na ilha do Fogo, acusado de negligência médica pelos colaboradores do Salazar que mandavam na ilha nos anos da fome de 39/40, acusação de que soube defender-se, organizando ele mesmo o seu processo de defesa, com o apoio de toda a população da ilha do Fogo que soube fazer justiça.

- Além disso é uma história de amor pela sua Ilha Brava, sua família e seu povo, ilha que ele descreve ao mínimo pormenor. É a história do amor pela nossa mãe, contrariado pelos pais dela, a história de “*Força de Cretcheu*” de Eugénio Tavares. Para mim e meu irmão Arsénio de Pina, é o nosso livro de amor pelos meus pais, que ficará para que ninguém se esqueça de quem foi Dr. Hermano Firmino de Pina, em Cabo Verde.



Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 17/06/2023

Para citar este texto (ABNT): DA LUZ, Hilarino Carlos Rodrigues. Conversando com a escritora Carlota de Barros. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº2, p.225-236, jul./dez. 2023.

Para citar este texto (APA): DA LUZ, Hilarino Carlos Rodrigues (jul./dez.2023). Conversando com a escritora Carlota de Barros. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (2): 225-236.